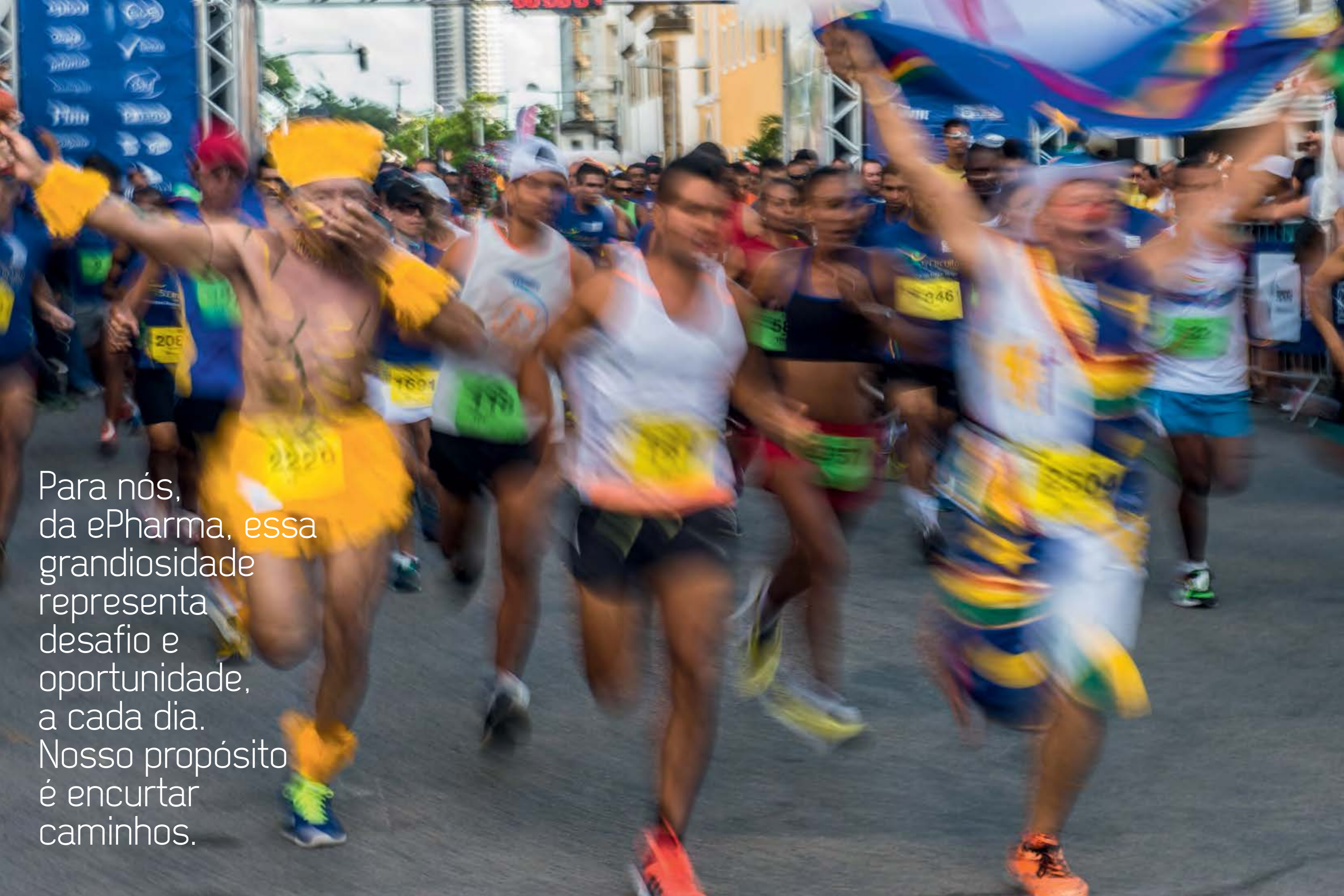


The logo for e-Pharma, featuring the text "e-Pharma" in a bold, sans-serif font, followed by a vertical line and a stylized blue icon of a person with arms raised.

Inovação e integração em saúde

A close-up photograph of a young girl with dark hair and eyes, smiling and peeking from behind a dark grey door. Her hand is visible, resting on the door frame. The background is slightly blurred, showing green foliage and bokeh lights.

O melhor
remédio
para a saúde
no Brasil.



Para nós,
da ePharma, essa
grandiosidade
representa
desafio e
oportunidade,
a cada dia.
Nosso propósito
é encurtar
caminhos.



No aniversário de 15 anos da ePharma, sentimos a necessidade de mostrar a todas as pessoas do nosso relacionamento, e que celebram conosco este momento, não só o que fizemos e o que fazemos, mas principalmente a abrangência da nossa missão e da nossa visão de mundo. Não queríamos simplesmente encadear palavras num discurso na festa de comemoração, mas sim mostrar o que é feito, o que é fato e o que faz a diferença para os brasileiros. Daí, a proposta do livro.

Um livro que revela como se busca, neste Brasil tão diverso, o acesso à saúde, o acesso ao crescimento, o acesso a medicamentos.

Em vez de apenas contar a nossa trajetória (o que também fizemos no primeiro capítulo deste livro, pois temos muito orgulho dela), buscamos pelo Brasil mais 14 histórias, formando 15 anos e 15 capítulos. Projetos que, como o nosso, acreditam que é com saúde em primeiro lugar que abrimos outros acessos: acesso à inclusão, à qualidade de vida, ao crescimento, a um país cada vez melhor.

Fomos até onde estão esses projetos para ouvir os relatos das pessoas que os transformam em realidade. Pegamos barco, avião pequeno, carro e carroça. E gastamos muita sola de sapato para tentar trazer histórias vivas e emocionantes de projetos que realmente tocam, seja pela consistência, seja pela perseverança.

No meio do trabalho, um acontecimento inesperado: a expedição ao Xingu, uma das histórias contadas aqui, estava em risco, pois seu grupo não tinha conseguido toda a verba necessária para a viagem, isso a apenas 15 dias do embarque. Assim que sabemos, a ePharma completou a verba, com uma doação. A expedição finalmente foi feita e está relatada neste livro, antecipando que estávamos no caminho certo.

Nesse percurso, confirmamos o que já sabíamos: que o melhor remédio é a força dos brasileiros. Das pessoas que fazem este país. Um país real, solidário, engajado e que nos enche de orgulho.

E agora queremos compartilhar com você o resultado de todo esse esforço. Bem-vindo a estas páginas.

Boa leitura.

O melhor remédio é o debate.

Interfarma: Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa.

São Paulo/SP

Por Ana Augusta Rocha
Fotos: André Dib

Soluções e alternativas. Os esforços da entidade são para que se possa discutir a saúde de forma cada vez mais ampla, pluralista e racional, com autoridades, especialistas, cientistas, indústria, médicos ou pacientes. Como parte de sua atuação, a empresa incentiva a inovação na indústria junto a pesquisadores nacionais e estrangeiros, responsáveis pelo desenvolvimento de novos medicamentos no Brasil.

Uma parcela do descontentamento dos brasileiros com relação à saúde está relacionada ao preço dos medicamentos. Os brasileiros pagam as taxas mais altas do mundo em impostos sobre os remédios, que chegam a 34% do valor final do produto. Em países como Portugal, Suíça e Holanda, os medicamentos são tributados em no máximo 10%. Já no Reino Unido e no Canadá, as pessoas não pagam impostos quando compram remédios.

Esses dados justificam outro resultado da pesquisa: para 49% dos consumidores de remédios, a renda mensal é pouca ou insuficiente para a compra de medicamentos.

população recebe um atendimento insuficiente em tempo em que os impostos e a renda escassam de ter acesso a um melhor tratamento.

o com a área da saúde é alta e crescente. O Brasil comete um erro básico que a maioria dos países não comete: nós tributamos a doença. O imposto de consumo é aquele pago na aquisição de bens como automóveis ou roupas, produtos que geram prazer e sensação de bem-estar. No caso do Brasil, inclusive no momento em que o sujeito está sofrendo de uma doença, "faz sentido você pagar imposto quando tem uma doença como hipertensão ou esclerose múltipla", explica Pedro Pedreira. Ele pergunta: "Qual é o papel dos governos nessa situação? O cidadão mais precisa? Cuidar do paciente, garantir o fornecimento de medicamento, ou 'cuidar' do equilíbrio fiscal, tributando a aquisição da doença por meio da tributação dos medicamentos que o próprio Estado deixou de fornecer?"

Entretanto, a dificuldade de acesso a medicamentos não está relacionada somente ao preço. Os pacientes brasileiros não têm a oportunidade de se beneficiar com as novas tecnologias e com o que há de mais novo na ciência e na medicina por falta de incentivo à pesquisa clínica – estudos realizados em novas descobertas científicas para o tratamento ou até mesmo a cura de doenças, inclusive as mais complexas, como câncer, Mal de Alzheimer, Parkinson, entre outras. Por esse mesmo motivo, o País está sendo relegado a segundo plano em estudos randômicos, que são realizados simultaneamente em diversos países, o que é uma grande perda para nossos médicos e cientistas: por mais preparados que estejam, esses profissionais deixam de adquirir mais conhecimento quando um novo estudo clínico é desenvolvido fora do Brasil simplesmente porque não são envolvidos na pesquisa.



“O panorama da situação da saúde no Brasil é preocupante”, afirma Pedro Bernardo, diretor de acesso da Interfarma – Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa. De acordo com os resultados da pesquisa Interfarma encomendada ao Instituto Datafolha, em 2014, 45% dos brasileiros avaliam a saúde como o principal problema do País, atrás de outras cinco deficiências: violência (18%), corrupção (10%), educação (9%), desemprego (4%) e miséria (2%). Das 2.109 pessoas entrevistadas, a saúde no Brasil é ruim ou péssima para 62%, e a insatisfação torna-se ainda mais marcante nas cidades com mais de 500 mil habitantes (70%) e nas regiões metropolitanas (68%).

Para tentar mudar esse cenário, a Interfarma vem realizando uma série de ações, com o objetivo de incentivar o debate sobre os principais desafios da saúde pública, em busca de soluções e alternativas. Os esforços da entidade são para que se possa discutir a saúde de forma cada vez mais ampla, pluralista e racional, com autoridades, especialistas, cientistas, indústria, médicos ou pacientes. Como parte de sua atuação, a empresa incentiva a inovação na indústria junto a pesquisadores nacionais e estrangeiros, responsáveis pelo desenvolvimento de novos medicamentos no Brasil.

Uma parcela do descontentamento dos brasileiros com relação à saúde está relacionada ao preço dos medicamentos. Os brasileiros pagam as taxas mais altas do mundo em impostos sobre os remédios, que chegam a 34% do valor final do produto. Em países como Portugal, Suíça e Holanda, os medicamentos são tributados em no máximo 10%. Já no Reino Unido e no Canadá, as pessoas não pagam impostos quando compram remédios.

Esses dados justificam outro resultado da pesquisa: para 49% dos consumidores de remédios, a renda mensal é pouca ou insuficiente para a compra de medicamentos.

Resultado: a população recebe um atendimento insuficiente ao mesmo tempo em que os impostos e a renda escassa a impedem de ter acesso a um melhor tratamento.

“A insatisfação com a área da saúde é alta e crescente porque o Brasil comete um erro básico que a maioria dos outros países não comete: nós tributamos a doença. O imposto sobre consumo é aquele pago na aquisição de bens materiais, como automóveis ou roupas, produtos que geram satisfação e sensação de bem-estar. No caso do Brasil, tributa-se inclusive no momento em que o sujeito está doente. Não faz sentido você pagar imposto quando tem diabetes, hipertensão ou esclerose múltipla”, explica Pedro Bernardo. E indaga: “Qual é o papel dos governos nessa hora em que o cidadão mais precisa? Cuidar do paciente, inclusive com o fornecimento de medicamento, ou ‘cuidar’ do equilíbrio fiscal, tributando a aquisição da doença por meio da tributação dos medicamentos que o próprio Estado deixou de fornecer?”

Entretanto, a dificuldade de acesso a medicamentos não está relacionada somente ao preço. Os pacientes brasileiros não têm a oportunidade de se beneficiar com as novas tecnologias e com o que há de mais novo na ciência e na medicina por falta de incentivo à pesquisa clínica – estudos realizados em novas descobertas científicas para o tratamento ou até mesmo a cura de doenças, inclusive as mais complexas, como câncer, Mal de Alzheimer, Parkinson, entre outras. Por esse mesmo motivo, o País está sendo relegado a segundo plano em estudos randômicos, que são realizados simultaneamente em diversos países, o que é uma grande perda para nossos médicos e cientistas: por mais preparados que estejam, esses profissionais deixam de adquirir mais conhecimento quando um novo estudo clínico é desenvolvido fora do Brasil simplesmente porque não são envolvidos na pesquisa.

A inovação é o cerne do trabalho da Interfarma.

Para efeito de comparação, o País só responde por 1,5% dos investimentos realizados no mundo e, além disso, demora quase um ano para aprovar um protocolo de estudo clínico, quando a média mundial é de apenas seis meses. Hoje, os pedidos de testes de medicamentos em humanos passam por três instâncias de aprovação: pelos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs), pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), ambos vinculados ao Conselho Nacional de Saúde, e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Nos EUA, os centros de pesquisa conseguem licenças em até 60 dias; na Europa, em até 68 dias; na Coreia do Sul, país que vem se destacando nesse campo de estudos, em 30 dias.

“Poderíamos estar em um patamar muito melhor na inovação da saúde por conta da qualidade da produção acadêmica e do crescimento extraordinário da qualidade dos núcleos de excelência, mas ficamos conhecidos pela burocracia. Se continuarmos assim, nunca seremos competitivos no âmbito da inovação, e algumas das doenças que afetam os brasileiros correm o risco de ficar sem remédio”, afirma Antônio Britto, presidente executivo da Interfarma. No fim das contas, a indústria de pesquisa é a única que não perde com o atraso do Brasil. Se o protocolo não for aprovado a tempo, a indústria farmacêutica realizará os estudos em países que incentivam a inovação e reconhecem os inúmeros benefícios para a economia local, para o setor de saúde e, principalmente, para o paciente.

Antônio Britto (à direita): articulador executivo da Interfarma.



A Interfarma em números

Fundada em 1990, hoje a Interfarma possui 53 laboratórios farmacêuticos associados, os maiores do Brasil. Essas empresas, juntas, são responsáveis pela produção de 80% dos medicamentos de referência vendidos no País e 34% dos genéricos. Além disso, as empresas associadas respondem por 46% da produção dos medicamentos isentos de prescrição (MIPs) do mercado brasileiro e por 53% dos medicamentos tarjados (51% do total do mercado de varejo). O diálogo entre essas indústrias, muitas vezes concorrentes, também acontece nas esferas da instituição. A consciência de que esse diálogo e essas conexões resultam, no fim da cadeia, em mais saúde para o Brasil é essencial para a Interfarma. E motivadora.

Diálogo e conexões reunindo os muitos protagonistas da saúde no Brasil.

A Interfarma (Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa) busca o fortalecimento dessa cadeia, em todas as suas etapas.



Saúde a preços populares em lugares de difícil acesso. Lema da Pague Menos.

O melhor remédio é o esporte.

Pague Menos: amor do tamanho do Brasil.

Recife/PE

Por Edu Petta
Fotos: André Dib

Ato cívico feito, ele grita: "Vamos acreditar!" – e dá a largada. O poderoso sistema de alto-falantes toca agora o "tema da vitória", que o brasileiro se acostumou a ouvir a cada conquista do piloto Ayrton Senna, na telinha da principal emissora do País. A passos largos ou curtos, nossos heróis seguem caminho pelos becos da Mangueatown, como dizia o imortal inventor do Mangubeat, Chico Science. Quando todos passam, o homem do microfone desce do palco, entra na pista e começa a correr sob uma chuva de aplausos.

Seu nome é Deusmar Queirós. Visto assim, em meio ao povo, de camiseta de corrida, fica difícil imaginar que esse cearense de 67 anos e vasta cabeleira branca figure na lista da Revista Forbes de 2013 como o 46º homem mais rico do Brasil. A sua rede de farmácias, a Pague Menos, da qual é presidente e fundador, conta hoje com mais de 730 lojas e emprega 18 mil funcionários – a única rede de varejo nacional ou estrangeira presente em todas as unidades da federação.

...or à corrida, conversamos com ele durante a...
...o evento. Deusmar tinha acabado de chegar...
...rodava contente pelas tendas. Trajando uma...
...leção brasileira de futebol, saudava a todos...
...Os funcionários queriam todos tirar uma...
...abraçava e posava com o sinal de positivo...
...o mesmo", diz Cláudia Farias, sua assessora...
...há 13 anos. "Uma pessoa de coração bom...
...".

...ta de ser assim, pois não esquece as origens...
...n uma família humilde, em Amontada, interior...
...ano de 1947. Na época, a cidade tinha 3 mil...
...oje são 35 mil). "Como lá não havia escola...
...anos, meu pai me levou para estudar em For...
...eria que eu fosse doutor", lembra Deusmar.

O menino tinha então uma única farda, um par de sapatos, de que cuidava com esmero, e um sonho: montar uma empresa. Por isso, estudava de manhã e trabalhava à tarde, vendendo frutas de porta em porta. Com o dinheiro, ajudava a pagar os estudos e os livros que comprava. Mas não era a leitura que o encantava, e sim o comércio. Mesmo assim, realizou o desejo do pai: formou-se em economia pela Universidade Federal do Ceará. Chegou a ser professor universitário, mas gostava mesmo era de mexer com o mercado financeiro. Em 1981, realizou o sonho. Ou melhor, dois. "Montei a Pague Menos e, com ela, passei a levar saúde a preços populares para lugares de difícil acesso a medicamentos, como Manacapuru, no meio da Floresta Amazônica", conta Deusmar.

Apesar da alegria com a saúde financeira da marca, Deusmar se considera um homem bem-sucedido por outros motivos. "Tenho orgulho da minha trajetória profissional, mas muito mais da minha trajetória como ser humano.



Recife, domingo, 6h30, às margens do Capibaribe. No pátio em frente ao antigo Paço da Alfândega, próximo ao Marco Zero, aproximadamente 4 mil pessoas estão aglomeradas. Não é uma manifestação política. Mas de alegria. De tênis e trajes esportivos, elas aguardam a largada da primeira etapa do 5º Circuito de Corridas de Rua da Rede de Farmácias Pague Menos. Algumas vão correr 10 km, outras 5. E há, ainda, as da simbólica caminhada de 1.

Às 7h, na terra do frevo e do maracatu, o sol já ferve. O homem ao microfone pede a todos uma oração antes de largar: "Vamos rezar um pai-nosso para ser uma corrida festiva, sem acidentes". Prece feita, Deus e atletas preparados, ele faz mais um pedido: "Gente, antes de começar, temos de prestar uma homenagem à nossa pátria-mãe. E não importa quem esteja no governo. Vale é o orgulho de ser brasileiro. *Bóra* cantar o hino".

Ato cívico feito, ele grita: "Vamos acreditar!" – e dá a largada. O poderoso sistema de alto-falantes toca agora o "tema da vitória", que o brasileiro se acostumou a ouvir a cada conquista do piloto Ayrton Senna, na telinha da principal emissora do País. A passos largos ou curtos, nossos heróis seguem caminho pelos becos da Manguebeat, como dizia o imortal inventor do Manguete, Chico Science. Quando todos passam, o homem do microfone desce do palco, entra na pista e começa a correr sob uma chuva de aplausos.

Seu nome é Deusmar Queirós. Visto assim, em meio ao povo, de camiseta de corrida, fica difícil imaginar que esse cearense de 67 anos e vasta cabeleira branca figure na lista da Revista Forbes de 2013 como o 46º homem mais rico do Brasil. A sua rede de farmácias, a Pague Menos, da qual é presidente e fundador, conta hoje com mais de 730 lojas e emprega 18 mil funcionários – a única rede de varejo nacional ou estrangeira presente em todas as unidades da federação.

No dia anterior à corrida, conversamos com ele durante a montagem do evento. Deusmar tinha acabado de chegar do almoço e rodava contente pelas tendas. Trajando uma camisa da seleção brasileira de futebol, saudava a todos pelo caminho. Os funcionários queriam todos tirar uma foto. Ele os abraçava e posava com o sinal de positivo. "Ele é do povo mesmo", diz Cláudia Farias, sua assessora de imprensa há 13 anos. "Uma pessoa de coração bom. Muito simples".

Deusmar gosta de ser assim, pois não esquece as origens. Ele nasceu em uma família humilde, em Amontada, interior do Ceará, no ano de 1947. Na época, a cidade tinha 3 mil habitantes (hoje são 35 mil). "Como lá não havia escola, quando fiz 7 anos, meu pai me levou para estudar em Fortaleza. Ele queria que eu fosse doutor", lembra Deusmar.

O menino tinha então uma única farda, um par de sapatos, de que cuidava com esmero, e um sonho: montar uma empresa. Por isso, estudava de manhã e trabalhava à tarde, vendendo frutas de porta em porta. Com o dinheiro, ajudava a pagar os estudos e os livros que comprava. Mas não era a leitura que o encantava, e sim o comércio. Mesmo assim, realizou o desejo do pai: formou-se em economia pela Universidade Federal do Ceará. Chegou a ser professor universitário, mas gostava mesmo era de mexer com o mercado financeiro. Em 1981, realizou o sonho. Ou melhor, dois. "Montei a Pague Menos e, com ela, passei a levar saúde a preços populares para lugares de difícil acesso a medicamentos, como Manacapuru, no meio da Floresta Amazônica", conta Deusmar.

Apesar da alegria com a saúde financeira da marca, Deusmar se considera um homem bem-sucedido por outros motivos. "Tenho orgulho da minha trajetória profissional, mas muito mais da minha trajetória como ser humano.



Nesta página, Deusmar Queirós como ele gosta: misturado ao povo.

Na página ao lado, o folclórico Tapiré, que corre com a sua peruca de lantejoulas.

Abaixo, Cícero de Freitas, 61 anos, de Maceió: "Correr curou a minha depressão".



Alegria de
participar
da vida do
brasileiro.

Correr é democrático e faz bem.

Com a bênção de Deus e a ajuda da minha querida esposa, Auricélia, com quem convivo há 43 anos, construí uma bela família, com 4 filhos e 14 netos".

"Meu pai é uma pessoa muito generosa", diz Carlos Queirós, o Kaká, seu filho mais velho. "Todo domingo na casa dele é uma celebração. Vai toda a família. Até os 10 irmãos de minha mãe," diz Kaká.

Quem o conhece sabe que domingo é sagrado na vida do empresário. "É o meu jejum da labuta", diz Deusmar. De segunda a sábado, mesmo vivendo pertinho do mar, em Fortaleza, cidade da qual ama "a brisa e a gente", ele dispensa o lazer. "A praia não me alimenta. O que me realiza é o trabalho. Doze horas por dia. Se faltar tempo, tiro do sono".

Para tanto, adotou uma rotina. Acorda cedo e começa o dia com orações, ao lado da esposa, Auricélia. "Desejo a ela um ótimo dia, falamos coisas boas um para o outro. Depois, rezo para ter uns 18 problemas no meu dia. Os problemas são meus melhores amigos. Sem eles, fico deprimido. Gosto da confusão". Para o empresário cearense, trabalho não é uma coisa chata. "Quando me despeço de casa, digo: 'Tchau. Tô indo para a festa'. Encaro a vida com a mente positiva. Pois, se a positividade não ajuda, também não atrapalha. Já a negatividade é ruim demais. Para mim, o melhor ano está sempre por vir".

A filosofia otimista de Deusmar parece funcionar. Até 2013, a Pague Menos cresceu no ritmo de 20% ao ano. Para 2014, prevê faturamento de R\$ 4,4 bilhões. É uma das maiores redes de varejo da nação, com clientela superior a 8 milhões de pessoas por mês. Ele afirma que, em 2017, chegará a mil lojas, com investimentos de R\$ 800 milhões. Segundo Deusmar Queirós, a Pague Menos vai bem porque, nesses últimos 33 anos, está apoiada no tripé "conveniência,

A Pague Menos foi a primeira rede de farmácias do Brasil a abrir as portas 24 horas. E hoje estimula a prática do esporte em todo o País.





Quem corre
seus males
espanta.



Nas corridas de rua promovidas pela Pague Menos, há espaço para atletas de ponta e figuras folclóricas, como o pernambucano Chico Barba.

inovação e cidadania" e alinha discurso e ações para promover mais saúde e qualidade de vida e gerar emprego e renda. "Fomos a primeira farmácia a abrir as portas 24 horas. De portas abertas mesmo, não a janelinha. A primeira a estar no Brasil todo. Levamos saúde e vendemos medicamentos a preço baixo e de qualidade ao povo. A Pague Menos foi a primeira rede de farmácias a integrar o programa do governo federal Aqui tem Farmácia Popular", diz.

Outro marco da rede é a criação da plataforma Sempre Bem, a maior de saúde e beleza do Brasil, com canal de televisão, revista, portal na internet e lojas interligados, para levar conceitos de saúde e conteúdo para a população. "Foi uma forma de democratizar informações antes restritas a poucos. Impactamos 300 mil pessoas por ano com o programa Pague Menos Vida Saudável, por meio de palestras, informativos, consultas preventivas. Temos o SAC Farma, um sistema de atendimento ao cliente que funciona 24 horas por dia, 7 dias por semana", conta Deusmar.

Uma de suas maiores alegrias é conseguir transformar as farmácias em algo além da venda de medicamentos. "Por que não oferecer mais ao cidadão?", questiona. Ele se empolga quando fala sobre a introdução do sistema de pagamentos de contas bancárias nos caixas da Pague Menos, adotado depois pelas redes lotéricas. Mas chega a ficar vermelho de raiva sobre a proibição às redes de vender cosméticos, sorvetes e refrigerantes, do mesmo jeito que as *drugstores* norte-americanas. "A gente vende na base da liminar. Mas só porque tenho advogados. Espero que a legislação mude nesse sentido",

O seu brilho nos olhos só regressa quando fala das ações de cidadania da Pague Menos. "São as nossas respostas à sociedade. Iniciativa privada. No que acredito. Sem ficar esperando ajuda do governo", diz Deusmar. Quem cuida dessa área é a sua filha e diretora de marketing Patriciana Rodrigues. "Doamos cadeiras de rodas, arrecadamos fundos para hospitais, damos cursos de reabilitação a presidiários e promovemos encontros de mulheres", diz Patriciana.

O Encontro de Mulheres, aliás, merece um parágrafo à parte. Acreditando na máxima de que é a mulher ou a mãe quem decide normalmente sobre a compra e o uso de um medicamento, a Pague Menos investe forte nesse evento, que acontece três vezes por ano. A 10ª edição, ocorrida de 23 a 26 de maio de 2013, em Fortaleza, reuniu aproximadamente 12 mil mulheres por dia. Com o tema "Amor. Viva esse espetáculo", o encontro ofereceu oficinas de beleza, moda, arte, culinária, além de peças de teatro e shows de música, com Elba Ramalho, Leila Pinheiro e o maestro João Carlos Martins. "Foi mágico, poderoso, sensacional. Um evento capaz

de mudar a vida de muita gente", qualificou-o Sérgio Mena Barreto, presidente da Abrafarma e idealizador do evento, cuja renda é totalmente doada a instituições beneficentes.

Outro evento beneficente é o Circuito de Corridas, que já está em sua 5ª edição. E, por falar nele, nossos competidores estão cruzando a linha de chegada, no centro de Recife. O sistema de som, que tocava *Maracatu Atômico*, de Chico Science, volta a vibrar com o tema de Senna. Há personagens de todos os tipos. Dos marinheiros de primeira viagem aos que correm a sério, relógio em punho, olho no cronômetro. E há, ainda, os festivos, metidos em fantasias.

O casal mais carnavalesco da prova é formado pela dupla Tapiré e dona Beta, apelidos de Antonio José do Nascimento, 61 anos, e Elizabeth Nascimento, 66 anos. Pais de cinco filhos, o casal corre junto todas as manhãs pelas ruas de Carpina, no agreste pernambucano, terra do maracatu, ritmo que inspira a peruca de lantejoulas brilhantes do falante Tapiré. Dona Beta, mais tímida, exhibe a medalha da prova e afirma: "Correr junto nos uniu demais. Acertamos o passo na vida".

Pele cor de jambo e olhos verde-mar, Cícero de Freitas, 61 anos, veio de Maceió, Alagoas. Ele só começou a correr aos 49, para curar a depressão gerada por largar o tabaco. Funcionou? Ele levanta a camisa e mostra o abdômen, riscado, de oito gomos. Mostra o seu tempo de prova. Os olhos reluzem.

Outro personagem é Chico Barba, ou Francisco Rodrigues de Sá, 55 anos. De chapéu de cangaceiro, ele corre com uma camiseta de Luiz Gonzaga ao peito, homenagem ao vizinho de caatinga pernambucana, no sertão do Cariri. Gonzagão era de Exu. Chico é de Ouricuri, a 620 km de Recife, percurso que já fez duas vezes de bicicleta. Com sua longa barba grisalha, conta ter completado 8 maratonas e 6 provas da São Silvestre, em São Paulo. "Vivo porque preciso. Corro porque amo", brinca Chico.

Mas o personagem mais ilustre da prova é o que está chegando agora. "O nome dele é Deusmar Queirós. Vamos aplaudir, gente," diz o narrador da prova, que berra: "Faça aviãozinho, Deusmar!". O empresário obedece, e a galera delira. Fim do tema do Ayrton Senna e da corrida. Mas não do show. Você gosta de correr, Deusmar? "Eu gosto é de ver essa alegria. A corrida é o mais democrático dos esportes. Só é preciso um par de tênis e um calção. E é saúde. Correr é saúde e...". Ele não tem tempo de terminar a frase. A banda de frevo assume o palco. Os funcionários da Pague Menos cercam Deusmar e o puxam para a dança. Ele apanha a sombrinha colorida e cai na folia. Quando me vê, acena e diz: "Não falei que meu trabalho era uma festa?"



Luciana Holtz na sede do Oncoguia.
ONG criada por ela em 2009.

O melhor remédio é a informação.

Oncoguia:
as respostas e
as orientações de
que o paciente com
câncer precisa.

São Paulo/SP

Por Ana Augusta Rocha
Fotos: André Dib

pessoas no dia a dia de tantas famílias, mas também no sistema de saúde pública (SUS – Sistema Único de Saúde) e nos planos privados de saúde. Hoje em dia, o câncer é a segunda causa de mortes no Brasil, e boa parte da população (metade do total de homens e um terço do total de mulheres) tem a probabilidade de desenvolver algum tipo dele, ao longo de sua existência. São mais de cem tipos diferentes.

“Logo depois do diagnóstico e do baque, muito rapidamente, o doente de câncer fará uma consulta ao Dr. Google”, afirma a psico-oncologista Luciana Holtz de Camargo Barros, presidente do Instituto Oncoguia. Ao fazer isso, essa pessoa pode se colocar em estado de confusão, até mesmo de desespero”, sustenta. “Na internet há muita informação disponível, mas nem sempre de qualidade. Vendo isso ao longo de minha experiência, decidi criar o portal Oncoguia, em 2003. Um território *on-line* de informação clara sobre os muitos tipos de câncer e seus tratamentos, com entrevistas com médicos e compartilhamentos de histórias bem-sucedidas. Um porto seguro para as informações”, conclui.

o Paulo para estudar psicologia na PUC (Pontifícia Universidade Católica). Vim de Tatuí, cidade do interior e minha família ainda vive. Desde o início da minha vida eu tinha essa inclinação para atuar em hospitais, mas minha família estranhava bastante minha escolha, pois eu era emocionalmente muito difícil”, conta Luciana. Na época, com toda aquela ingenuidade juvenil, eu não sabia que meu trabalho como psicóloga poderia acabar ajudando tantas pessoas que viviam o trauma de doenças crônicas. Nos primeiros anos, trabalhei atendendo pacientes com Aids e, mais tarde, pacientes com câncer. “Eu descobri que não dava para tirar a dor, mas para ajudar a significar e também acolher”, relembra. “Trabalhei como coordenadora de estudos clínicos e participei em Bioética, mergulhando ainda mais no contexto de ética e direitos, em 2003, nasceu o Oncoguia”, um verdadeiro ponto de ancoragem, portal de clareza e acolhimento, que vem ajudando o Dr. Google a fornecer informações de qualidade para os brasileiros.

Os primeiros anos foram marcados por um grande volume de conteúdo que Luciana, junto com sua equipe e com vários médicos especialistas, conseguiu publicar. Para se ter uma ideia, no portal existem 150 vídeos na TV Oncoguia. Estão no site mais de 200 depoimentos de pessoas em tratamento, que compartilham suas histórias de vida. E os números de acesso impactam: 40 milhões de visualizações em 2013.

Não são apenas os números que impressionam: Luciana, ao se apresentar, marca sua presença por ser muito bonita. Mas não demora para toda essa beleza ficar em segundo plano, ofuscada por sua força impressionante de mulher obstinada, objetiva, focada. Nada esmorece a sua convicção de que há muito a fazer pelos doentes de câncer no Brasil. Seus dias



O site do Oncoguia é um vasto oceano de informações. Há histórias e depoimentos de quem, muitas vezes, mal começou sua travessia na vida e já recebeu um aviso de maremoto à frente. Difícil de navegar, turbulento: o câncer.

Ao entrar no site e ler as centenas de depoimentos acompanhados por fotos, deparamo-nos com pessoas de todos os jeitos e em todas as etapas da vida. Muitas mulheres contando suas histórias, visto que elas têm mais facilidade para falar no assunto. E, também, alguns jovens: aquele rosto lindo, sorridente, de alguém que deveria estar por aí descobrindo as coisas boas da vida e que, de repente, tem de descobrir sua força pessoal. E vencer a doença.

Por ano, cerca de 600 mil pessoas recebem o diagnóstico de câncer no Brasil. É um impacto, não apenas na vida pessoal e no dia a dia de tantas famílias, mas também no sistema de saúde pública (SUS – Sistema Único de Saúde) e nos planos privados de saúde. Hoje em dia, o câncer é a segunda causa de mortes no Brasil, e boa parte da população (metade do total de homens e um terço do total de mulheres) tem a probabilidade de desenvolver algum tipo dele, ao longo de sua existência. São mais de cem tipos diferentes.

“Logo depois do diagnóstico e do baque, muito rapidamente, o doente de câncer fará uma consulta ao Dr. Google”, afirma a psico-oncologista Luciana Holtz de Camargo Barros, presidente do Instituto Oncoguia. Ao fazer isso, essa pessoa pode se colocar em estado de confusão, até mesmo de desespero”, sustenta. “Na internet há muita informação disponível, mas nem sempre de qualidade. Vendo isso ao longo de minha experiência, decidi criar o portal Oncoguia, em 2003. Um território *on-line* de informação clara sobre os muitos tipos de câncer e seus tratamentos, com entrevistas com médicos e compartilhamentos de histórias bem-sucedidas. Um porto seguro para as informações”, conclui.

“Cheguei a São Paulo para estudar psicologia na PUC (Pontifícia Universidade Católica). Vim de Tatuí, cidade do interior paulista, onde minha família ainda vive. Desde o início da faculdade, sentia essa inclinação para atuar em hospitais, e minha família estranhava bastante minha escolha, pois a considerava emocionalmente muito difícil”, conta Luciana. “Naquela época, com toda aquela ingenuidade juvenil, achava que meu trabalho como psicóloga poderia acabar com a dor das pessoas que viviam o trauma de doenças de alto impacto. Nos primeiros anos, trabalhei atendendo pacientes com Aids e, mais tarde, pacientes com câncer. Com o tempo, descobri que não dava para tirar a dor, mas dava para ressignificar e também acolher”, relembra. “Trabalhei também como coordenadora de estudos clínicos e me especializei em Bioética, mergulhando ainda mais no mundo e nas necessidades do paciente com câncer. Nesse contexto de ética e direitos, em 2003, nasceu o Oncoguia”, um verdadeiro ponto de ancoragem, portal de clareza e acolhimento, que vem ajudando o Dr. Google a fornecer informações de qualidade para os brasileiros.

Os primeiros anos foram marcados por um grande volume de conteúdo que Luciana, junto com sua equipe e com vários médicos especialistas, conseguiu publicar. Para se ter uma ideia, no portal existem 150 vídeos na TV Oncoguia. Estão no site mais de 200 depoimentos de pessoas em tratamento, que compartilham suas histórias de vida. E os números de acesso impactam: 40 milhões de visualizações em 2013.

Não são apenas os números que impressionam: Luciana, ao se apresentar, marca sua presença por ser muito bonita. Mas não demora para toda essa beleza ficar em segundo plano, ofuscada por sua força impressionante de mulher obstinada, objetiva, focada. Nada esmorece a sua convicção de que há muito a fazer pelos doentes de câncer no Brasil. Seus dias

são incessantemente compromissados com ações nesse sentido. O telefone toca, pode ser de Brasília ou de algum país do planeta – ela articula, pleiteia, conversa, pede melhorias. "Desse número assombroso de diagnósticos de novos doentes a cada ano, metade será identificada com câncer em estágio avançado. Por isso, investir em prevenção é primordial", afirma a especialista.

Outro aspecto importante é o direito ao acesso rápido ao diagnóstico e tratamento, que, segundo Luciana, "no SUS, precisa melhorar, e muito. Se por um lado o Brasil é um dos poucos países do mundo a ter um Sistema Único de Saúde, por outro, temos um quadro de demora no início dos tratamentos e uma carência imensa em termos de infraestrutura. O tempo corre contra o doente, em uma velocidade espantosa". Ela explica: "O paciente com suspeita de câncer começa a se cuidar na UBS (Unidade Básica de Saúde, ou posto de saúde), onde são solicitados os exames. Quando o diagnóstico se confirma, essa pessoa é encaminhada para um Cacon (Centro de Assistência de Alta Complexidade em Oncologia), no qual passará por consulta e poderá iniciar seu tratamento. Sabemos que, em muitos casos, todo esse processo pode demorar até um ano. É muito grave, quase uma sentença de morte", resume Luciana.

Considerando esse cenário carente de efetividade no tratamento de câncer no Brasil, há dois anos, a equipe do Oncoguia vem participando ativamente de inúmeras atividades em Brasília. Uma dedicação quase diária, como no envolvimento para o lançamento da Frente Parlamentar de Combate ao Câncer – um grupo dentro da Câmara que pode agilizar e dar andamento a projetos de lei e fiscalizar políticas públicas. Contribuiu também para que projetos de leis importantes saíssem do papel, como a exigência de cobertura dos antineoplásicos de uso oral pelos planos de saúde e a assinatura da Lei dos 60 Dias (12.732/12), que dá ao paciente de câncer o direito de ser tratado em até 60 dias após o diagnóstico da doença. Ambos de fundamental importância para que possamos garantir tratamento ágil e de qualidade para os pacientes com câncer dependentes do SUS e dos planos de saúde.

Dados do TCU (Tribunal de Contas da União) mostram que, depois de chegar a um Cacon, a pessoa ainda tem de esperar em média 76 dias para iniciar a quimioterapia e até 4 meses para começar uma radioterapia. "A Lei dos 60 Dias vai nos ajudar a encurtar esse tempo". Agora, o paciente que não for atendido dentro do prazo da lei pode fazer uma denúncia junto à ouvidoria do SUS pelo telefone 136. Essas denúncias serão fiscalizadas pelo Ministério da

Saúde. Em último caso, o paciente pode ainda acionar a Justiça contra o estado ou o município em que o problema tiver ocorrido.

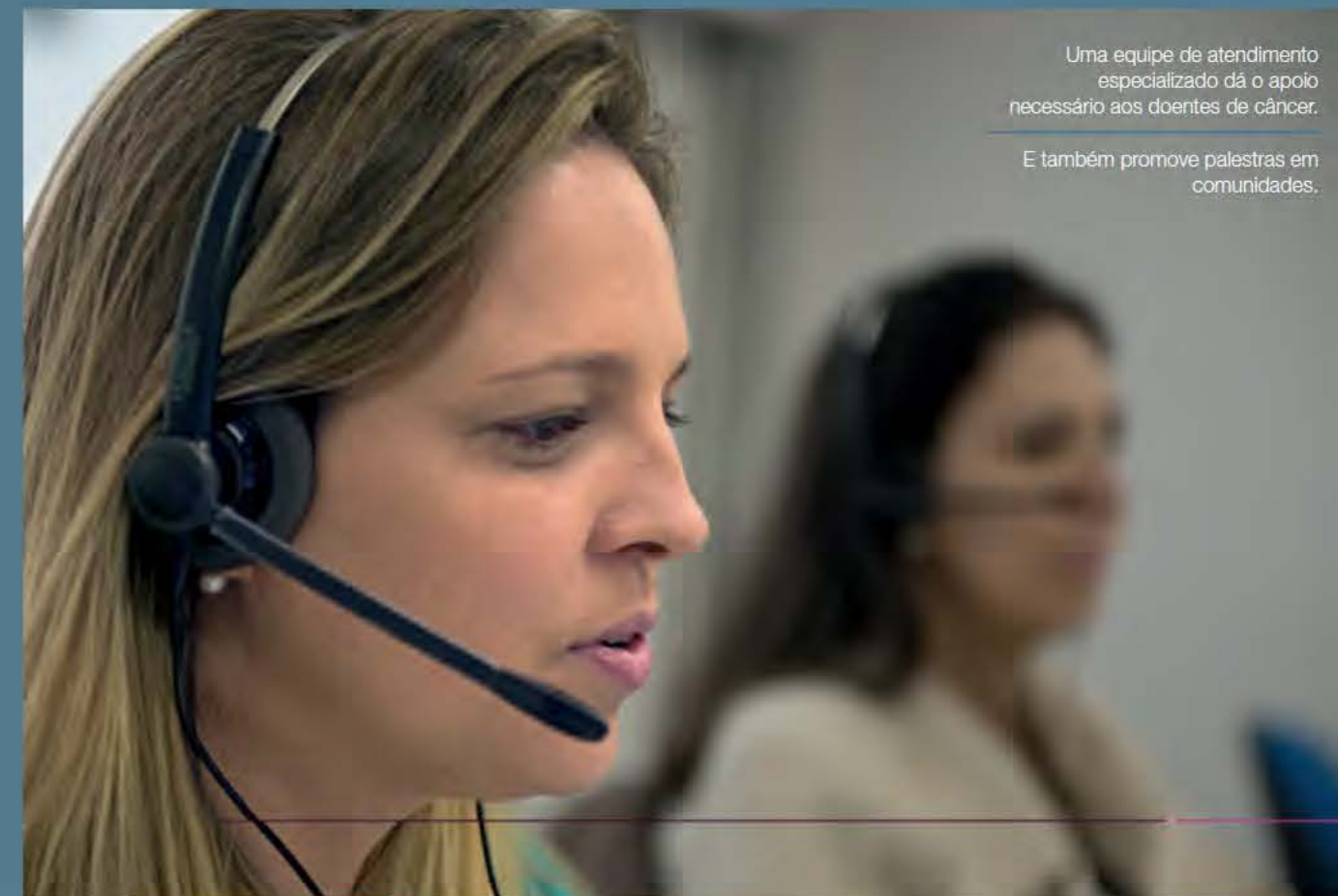
Mas Luciana ressalta: "Recentemente, o Ministério da Saúde comprou 80 aparelhos de radioterapia, uma carência gigante no País. Entretanto, até os locais especiais serem construídos, até as equipes serem treinadas, uns cinco anos já terão se perdido nesse processo. Imagine o drama de quem precisa hoje desses aparelhos".

Para ajudar o paciente a não se sentir sozinho nessa luta, o Oncoguia criou o PAP (Programa de Apoio ao Paciente), que recebe ligações gratuitas (0800 773 1666) de qualquer lugar do Brasil. Dúvidas sobre direitos, problemas de acesso, qualidade de vida, onde fazer determinado exame, tudo é respondido de forma pronta e acolhedora por especialistas. Os atendimentos comprovam o grande desconhecimento e a dificuldade para garantir os tais direitos estabelecidos por lei. De qualquer forma, o time segue junto com o paciente até que o problema seja resolvido.

Além do seu conteúdo sobre a patologia, o portal abriga mais de sete projetos especiais. Cada projeto é apresentado de uma forma diferente: há *blog*, *vlog*, peças de comunicação impressas ou digitais, palestras gravadas em vídeo, conversas presenciais acontecendo em vários lugares. Muita informação científica traduzida e adaptada para o público leigo e depoimentos de quem enfrentou ou está enfrentando a doença. Alguns desses projetos: Paciente com câncer: um guia para quem acabou de receber o diagnóstico; Oncoguia e você: juntos contra o câncer; Cuide bem da sua pele; Espaço Cor-de-Rosa; Vivendo com o câncer de mama avançado; Doadores de Sabedoria: pacientes com câncer relatam suas experiências e aprendizados, ensinando-nos a valorizar a vida.

Dando suporte a toda essa necessidade de conteúdo e de ações, há quatro núcleos de trabalho: NIQ (Núcleo de Informação de Qualidade), NES (Núcleo de Educação em Saúde), NAP (Núcleo de Apoio ao Paciente) e NA (Núcleo de *Advocacy*), que atua nas questões relativas às leis e direitos dos pacientes. Desde fazer valer essas leis até lutar por novas.

Alguns projetos decolam e ganham expressão significativa. O Espaço Cor-de-Rosa, que hoje conta com uma *fan page* no *Facebook*, é um exemplo de sucesso. Criado inicialmente pela fisioterapeuta Evelyn de Moraes Scarelli, de apenas 23 anos, foi logo abraçado pelo Oncoguia, que hoje coordena a iniciativa. Evelyn descobriu um câncer de mama



Uma equipe de atendimento especializado dá o apoio necessário aos doentes de câncer. E também promove palestras em comunidades.



Espaço
Cor-de-Rosa:
ressignificar
a doença.





Nos encontros em bairros da periferia de São Paulo, mulheres aprendem sobre prevenção e autoexame.

e encontrou na comunicação via *blog* uma forma de se ajudar e ajudar outras mulheres. Cada paciente inscrita no projeto pode se candidatar e receber lenços ou perucas e, ainda, doses de indicações de como manter a autoestima. É um espaço no qual as mulheres trocam experiências, expõem seus medos, dúvidas, e Evelyn e a equipe do Oncoguia vão respondendo, indicando, fazendo rir, acolhendo o choro, enfim, um espaço vivo. "Quero mostrar que existem guerreiras reais nessa jornada, não apenas estatísticas", sustenta Evelyn, um exemplo de mulher vencedora diante da realidade do câncer.

Outro exemplo é o projeto Doadores de Sabedoria. "Constantemente, recebemos pedidos de pessoas que querem compartilhar uma história, conversar com alguém que esteja passando por situação parecida. Esses depoimentos ajudam a confortar os pacientes e fazem com que eles não se sintam sozinhos", relata Luciana. Luiz Fernando Brandão, da consultoria In Futuro, jornalista que sugeriu o projeto para o Oncoguia, complementa: "Os Doadores de Sabedoria permitem a possibilidade de registrar as vivências, além de dar sentido maior à intensa experiência individual. O projeto beneficiará muitas pessoas e estimulará cuidados com a saúde física, mental e espiritual", afirma. A ação reunirá testemunhos contados por meio do programa "Conte sua História", realizado pelo Museu da Pessoa, um acervo virtual para registro de depoimentos que atua há muitos anos na cidade de São Paulo.

O câncer é uma doença democrática. Atinge a todas as classes, de igual maneira. O que realmente difere é o acesso ao diagnóstico e o tratamento, que mudam muito de acordo com a classe social do doente. Para equilibrar esse jogo e estar ao lado do paciente com câncer, existe o Oncoguia. Não é à toa que a frase do portal diz: "Você não está sozinho".

Lutando por
melhores
leis e direitos
para os
pacientes
com câncer.



A Marinha tem uma atuação importante junto às comunidades amazônicas em seu atendimento à saúde básica.

O melhor remédio é levar esperança.

Médicos da Marinha em águas amazônicas.

Amazônia

Por André Dib
Fotos: André Dib

distâncias são medidas por horas de barco.

Nesse território ignoto, a vida pulsa sob uma transitória inquietude. A natureza, além de bela, é rude. Os obstáculos naturais fazem parte do dia a dia das pessoas, que ainda vivem isoladas em longínquos trechos de floresta. Milhares de famílias se espalham por comunidades ribeirinhas ao longo dos rios, compondo um Brasil desconhecido. A presença humana ali é tímida, quase irrisória se comparada às proporções amazônicas do entorno. Trata-se de uma gente que, muitas vezes, nem figura nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por absoluta falta de acesso. São pessoas que desafiam a ordem lógica do local. Ao explorar sabiamente os recursos da floresta, elas se adaptam a condições extremas. O isolamento, contudo, gera a restrição dos serviços públicos. Há carência em setores como o da comunicação e o da saúde. Os habitantes da densa mata geralmente não possuem nenhum tipo de assistência médica. Tal realidade representa um grande desafio para sucessivos governos. As dificuldades de implantação de pro-

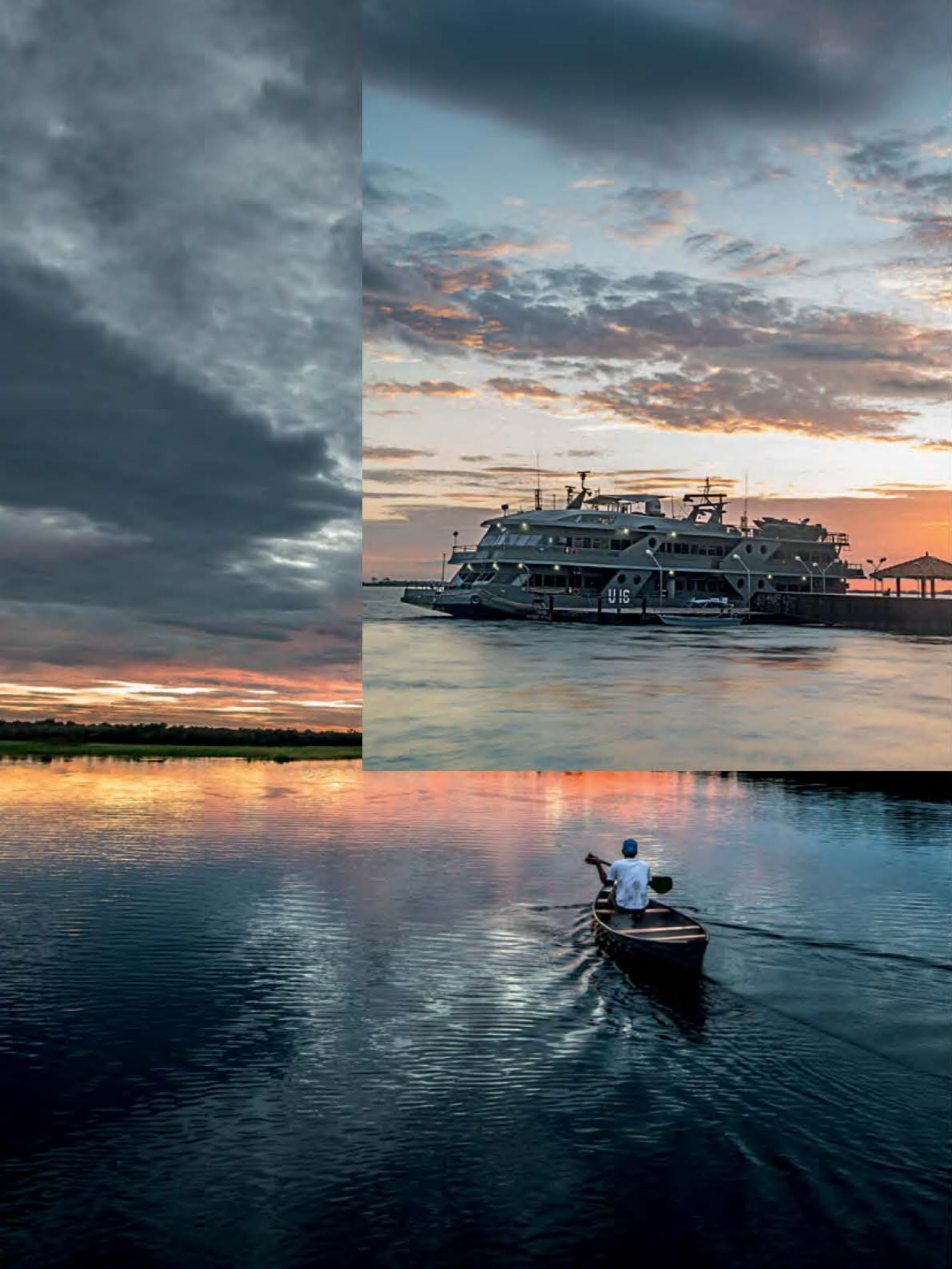
blemas na vastidão de um território que exige longos deslocamentos são imensas. A região é inóspita, e o futuro ainda é uma incógnita.

Desde as primeiras soluções há mais de 40 anos, a Marinha atua nos recônditos da Amazônia, utilizando embarcações adequadas ao ambiente hostil. Em princípio, eram pequenas corvetas. Atualmente, a Marinha navega pela Amazônia em navios de Assistência Hospitalar (Nashs). As embarcações servem de transporte para profissionais da saúde, como cirurgiões-dentistas, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, vacinadores, de vários estados brasileiros. A atuação conjunta visa amenizar a baixa incidência de serviços de saúde básico nos confins do País. Em parceria com órgãos como o Ministério da Saúde, o grupo presta atendimento à desnutrição infantil, realiza tratamentos de parasitoses, hipertensão arterial e diabetes, auxilia na prevenção do câncer e da cegueira, presta atendimento pré-natal e contribui com programas de imunização e erradicação de epidemias como malária, hanseníase, tuberculose e leishmaniose.

Os Nashs são equipados com ambulatórios médicos, gabinetes odontológicos, enfermarias, laboratório de análises clínicas e salas de parto, raio-x e intervenções cirúrgicas. Os “navios da esperança”, como são chamados pela população ribeirinha, navegam pelos caminhos tortuosos da Amazônia, atravessando diversos trechos praticamente desabitados e desprovidos de recursos. A bordo, estão profissionais da saúde que testemunham fragmentos da rotina na floresta.

O guarda-marinha Dr. Stephan Sperling, que aguarda a paciente de segundo-tenente, é um médico recém-formado que trancou sua residência e deixou suas feições urbanas em São Paulo para embarcar no Nash Dr. Montenegro. O médico acredita que não é a estrutura e os equipamentos,

A Marinha tem uma atuação importante junto às comunidades amazônicas em seu atendimento à saúde básica.



Como suas extensões intermináveis, na Amazônia tudo é exagerado, suntuoso, intenso. Esse complexo mosaico de belezas naturais abrange mais da metade do território nacional. São 4,9 milhões de km² entremeados por mais de 60 mil km de rios, lagos e varadouros. O cenário revela a maior reserva de água doce do mundo e o mais importante ecossistema da Terra. As chuvas são incessantes, devido à respiração da floresta. A cobertura vegetal retém uma quantidade inimaginável de água, que se condensa e despenca do céu em abundância. Eis a lei natural irrefutável que vigora em todo o sistema amazônico. Em meio a esse universo selvagem e majestoso, destaca-se o Amazonas, o maior rio do planeta, com 6,7 mil km de extensão. Somam-se a ele mais de mil afluentes, que cortam a Amazônia. A gigante aorta fluvial e suas ramificações regulam a vida na região, onde o tempo é regido pelo fluxo das águas, o rio é a estrada e as distâncias são medidas por horas de barco.

Nesse território ignoto, a vida pulsa sob uma transitória inquietude. A natureza, além de bela, é rude. Os obstáculos naturais fazem parte do dia a dia das pessoas, que ainda vivem isoladas em longínquos trechos de floresta. Milhares de famílias se espalham por comunidades ribeirinhas ao longo dos rios, compondo um Brasil desconhecido. A presença humana ali é tímida, quase irrisória se comparada às proporções amazônicas do entorno. Trata-se de uma gente que, muitas vezes, nem figura nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por absoluta falta de acesso. São pessoas que desafiam a ordem lógica do local. Ao explorar sabiamente os recursos da floresta, elas se adaptam a condições extremas. O isolamento, contudo, gera a restrição dos serviços públicos. Há carência em setores como o da comunicação e o da saúde. Os habitantes da densa mata geralmente não possuem nenhum tipo de assistência médica. Tal realidade representa um grande desafio para sucessivos governos. As dificuldades de implantação de pro-

gramas sociais na vastidão de um território que exige longos deslocamentos são imensas. A região é inóspita, e o futuro desses povos é ainda uma incógnita.

Na busca de soluções há mais de 40 anos, a Marinha Brasileira atua nos recônditos da Amazônia, utilizando embarcações adequadas ao ambiente hostil. Em princípio, eram usadas corvetas. Atualmente, a Marinha navega pela região com Navios de Assistência Hospitalar (Nashs). As embarcações servem de transporte para profissionais da saúde, como cirurgiões-dentistas, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, vacinadores, de vários estados brasileiros. A ação conjunta visa amenizar a baixa incidência de atendimento básico nos confins do País. Em parceria com órgãos públicos, como o Ministério da Saúde, o grupo promove o combate à desnutrição infantil, realiza tratamentos de parasitoses, hipertensão arterial e diabetes, auxilia na prevenção do câncer e da cegueira, presta atendimento pré-natal e contribui com programas de imunização e erradicação de epidemias como malária, hanseníase, tuberculose e leishmaniose.

Os Nashs são equipados com ambulatórios médicos, gabinetes odontológicos, enfermarias, laboratório de análises clínicas e salas de parto, raio-x e intervenções cirúrgicas. Os “navios da esperança”, como são chamados pela população ribeirinha, navegam pelos caminhos tortuosos da Amazônia, atravessando diversos trechos praticamente desabitados e desprovidos de recursos. A bordo, estão profissionais da saúde que testemunham fragmentos da rotina na floresta.

O guarda-marinha Dr. Stephan Sperling, que aguarda a paciente de segundo-tenente, é um médico recém-formado que trancou sua residência e deixou suas feições urbanas em São Paulo para embarcar no Nash Dr. Montenegro. O médico acredita que não é a estrutura e os equipamentos,



Os Navios de Assistência Hospitalar (Nashs) são também chamados de “anjos”.

Compreensão
da realidade
amazônica.





necessariamente, que fazem a diferença nesses atendimentos, mas a assistência em si. “O importante é que o atendimento chegue aos vilarejos afastados”, diz. A equipe também promove capacitação de agentes comunitários, ministrando palestras para que eles possam orientar a população na ausência dos médicos. Chamada de prevenção quaternária, a ação tem como objetivo esclarecer as pessoas sobre higiene pessoal, hábitos alimentares, primeiros socorros, além de alertar sobre os riscos da automedicação, prática muito comum nessas áreas isoladas. “Levar saúde à população é uma das formas de cuidar das fronteiras, garantir um direito constitucional e manter a soberania nacional”, afirma Sperling.

“O navio não é da Marinha, é do povo brasileiro”, reitera Ewerton Calfa, comandante que está à frente do Dr. Montenegro, enquanto o barco cruza a embocadura do Tapajós, que se abre para o Amazonas. Ali, fatores como a temperatura amena das águas do Tapajós e a alta velocidade do percurso do Amazonas não permitem que os fluidos se misturem de imediato, criando um embate, ou melhor, uma dança que se equilibra em linha bem definida. O desenho tortuoso, em sua plasticidade de formas e cores, é admirável.

Há cerca de um ano, Calfa comanda o Nash Dr. Montenegro, navio cujo batismo presta homenagem ao intrépido Manoel Braga Montenegro, médico acreano que dedicou parte de sua vida ao atendimento de ribeirinhos do Rio Juruá, no estado do Acre. Hoje, Calfa está na direção da Comissão de ASSHOP Tapajós, sigla que sintetiza a assistência de saúde hospitalar prestada aos ribeirinhos da Amazônia. Os atendimentos incluem comunidades dos rios Paraná do Ramos, Nhamundá, Trombetas e Tapajós.

As ASSHOPs são operações de extrema complexidade. A Marinha faz um levantamento anual rigoroso para planejar a logística dessas ações a fim de subsidiar os custos envolvidos no orçamento do governo federal. “Tento administrar os recursos da melhor maneira possível. Por isso, atendemos o máximo que podemos. Sei que, às vezes, os profissionais envolvidos se cansam, passam calor, molham-se na chuva, atravessam trechos com lama até os joelhos. O trabalho é desconfortável, mas a necessidade do povo é grande. A equipe se sente realizada com o esforço em prol do bem-estar das pessoas”, relata. Lanchas e helicópteros em alguns Nashes, utilizados quando a profundidade dos rios não é suficiente para a aproximação do navio, são veículos de apoio que transportam os profissionais da equipe ASSHOP e também estão disponíveis caso seja necessária a remoção de pacientes em estado mais grave.

O Nash Dr. Montenegro transporta medicamentos e tem boa estrutura para intervenções médicas simples.

Integrando comunidades pela saúde.

Longas
distâncias
percorridas
para levar
saúde.



Caminho de esperança

Sob um céu intempestivo, o navio atraca no meio do rio. A chuva desaba como em nenhum outro lugar no mundo. O povoado a ser visitado é Maguari, em Belterra, com pouco mais de 300 habitantes. A equipe de saúde embarca nas lanchas e adentra o varadouro para iniciar o atendimento. De repente, a tempestade cessa, dando lugar a um calor que beira o insuportável. Seu Nelson acompanha a movimentação da equipe, que desembarca as caixas com a medicação. O cabo-clo, de olhos miúdos e sorriso fácil, não esconde a alegria de quem só recebe atendimento médico quando o “navio da esperança” aponta no horizonte. “Já fiquei mais de cinco anos sem me consultar com um médico. Só consigo me tratar quando recebo essa visita”, diz.

Apesar de estar ligada a Belterra e a Santarém por via terrestre, a comunidade fica isolada por conta das estradas, repletas de atoleiros. Pelo rio, em determinadas épocas do ano, as águas ficam bravias. Tempestades inviabilizam grandes deslocamentos com pequenas embarcações, como canoas. “É o Banheiro que não deixa a gente sair”, comenta seu Nelson. O acesso ao centro de atendimento é muito precário. “Hoje, temos mais de 20 comunidades isoladas, de Pindobal até Itapaiuna”, conta. As pessoas não têm como trafegar de carro, pois a ponte está submersa. O trabalho da Marinha ameniza a falta de acesso ao atendimento básico de saúde. A ruptura de barreiras para prestar serviço aos habitantes da floresta é um meio de conhecer de perto o modo de vida deles. Oportunidade que favorece o entendimento dessa complexa relação entre o homem e a natureza.

Cabe ao estado investir em projetos de desenvolvimento regional para salvaguarda dos povos amazônicos. A criação de políticas públicas, instrumentos básicos de inclusão social, é uma premissa para o amadurecimento de uma nação. O envolvimento da Marinha foi um primeiro passo. Quais serão os próximos? Para suprir a demanda dentro de um espaço geográfico de dimensões continentais, é preciso estabelecer metas rigorosas, que priorizem o alcance da qualidade de vida dos ribeirinhos. Medidas paliativas auxiliam, mas não resolvem. A floresta abriga populações ancestrais do Brasil. Torná-las visíveis é um desafio que amplia a possibilidade de um futuro melhor para o País.



Por essa terra das águas, o navio da Marinha leva atendimento e esperança.

Região do rio Tapajós: abrigo de
inúmeras populações isoladas.

